

Apego em adolescentes institucionalizadas: processos de resiliência na formação de novos vínculos afetivos

Juliana Xavier Dalbem

Débora Dalbosco Dell'Aglio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

RESUMO

Este estudo investigou a representação do apego em adolescentes institucionalizadas por medidas de proteção, através de três estudos de caso, de meninas entre 12 e 14 anos, que experienciaram separações da figura materna na infância. Os dados foram coletados nas instituições, através da inserção ecológica, análise dos prontuários, entrevistas com profissionais da equipe técnica e entrevistas individuais com as adolescentes. As entrevistas semidiretivas, elaboradas a partir de instrumentos de avaliação do apego, examinaram as percepções das participantes sobre relações com cuidadores na infância, relação atual com essas figuras, vivências de separações ou perdas, qualidades e percepções atribuídas às relações e experiências da infância. Os dados foram discutidos identificando-se os aspectos atribuídos aos padrões de apego, tendo sido observados os padrões preocupado/ansioso e evitativo/desapegado, nos casos investigados. Os resultados apontaram presença de processos de resiliência na construção de novas relações afetivas estabelecidas após a institucionalização, tanto com pares como com adultos.

Palavras-chave: Apego; resiliência; institucionalização; adolescência.

ABSTRACT

Attachment in institutionalized adolescents: resilient process in the formation of new affective relationships

This study investigated characteristics of attachment representation of institutionalized adolescents, through three case studies, about girls between 12 to 15 years old, which were separated from their mothers since early childhood. The data were collected in the institutions, through the ecological insertion, the analyses of their files, interviews with the staff members and semi-directed interviews with the adolescents. The interviews, elaborated from questions adapted from current instruments of measurement and assessment of attachment, aimed to examine the participant's perception of the care keepers during their childhood, as well investigated the current relationships with these figures, experiences of loss or separations during childhood, the attributed evaluation of their relationships and the perception of the experiences lived during childhood. The data were discussed, considering all the information collected, trying to identify the aspects that were related to the patterns of attachment anxious-preoccupied, avoided-dismissing, in the investigated cases.

Keywords: Attachment; adolescence; resilience; institutionalization.

Este estudo investigou a representação do apego em adolescentes institucionalizadas por medidas de proteção, considerando que o sistema de apego passa a ter um papel integrador para os desafios do período da adolescência. Wekerle, Waechter, Leung e Leonard (2007) apontam que a adolescência representa um período de mudanças em que a habilidade de examinar padrões de comportamento passados é desenvolvida. Neste sentido, esta oportunidade é especialmente importante entre adolescentes institucionalizadas que possuem histórias de maltrato e/ou negligência, geralmente caracterizadas por desordens nas suas relações de apego iniciais.

Em situações de desenvolvimento de risco, a busca de contato com figuras de apego que forneçam proteção, segundo Howard e Johnson (2004), constitui um fator protetivo frente à vulnerabilidade. Em situações de maltrato e predominância de relações negativas anteriores, pesquisas sobre resiliência e tratamentos psicológicos em instituições têm mostrado que a conexão caracterizada por uma relação suportiva e de confiança com um membro da equipe da instituição é um preditor de melhores resultados (Wekerle et al., 2007).

De acordo com a Teoria do Apego, desde o nascimento e ao longo do ciclo vital, o ser humano tem um sistema de apego que é continuamente ativado e é re-

gulado pelo apego desenvolvido com os cuidadores, os quais possibilitam uma base segura para a exploração e refúgio em momentos de estresse e medo (Zegers, 2007). Waters, Kondo-Ikemura, Posada e Richters (1991) enfatizam que a organização do apego tem importância direta no desenvolvimento da consciência pessoal, na auto-observação, na consistência do *self* nas relações de apego, assim como nos resultados sociais.

De acordo com a Teoria do Apego, uma representação mental do *self* e dos outros emerge das primeiras relações estabelecidas entre o bebê e o seu cuidador, e, ao longo do ciclo vital, agirá como um guia para relacionamentos próximos ou íntimos, caracterizada por determinados estilos ou padrões de apego (Tanaka et al., 2008). Essa representação mental é também conhecida como *working model* e, de acordo com Fonagy e Target (1997), o processo ligado à sua construção capacita a habilidade de mentalização, ou seja, de representar o comportamento em termos de estado mental, o qual é determinante da organização do *self* e é adquirido no contexto das primeiras relações sociais da criança.

Inúmeras investigações sobre os padrões de apego nas diversas fases do ciclo vital vêm sendo desenvolvidas, utilizando-se métodos variados de auto-relatos retrospectivos sobre as relações de apego que levam à identificação de características destes padrões (Hazan e Shaver, 1990; Kobak, 1993). Estudos com adolescentes têm utilizado instrumentos, baseados nas entrevistas desenvolvidas para adultos, nos quais são investigadas as diferenças individuais do estado mental com respeito à história global do apego, focando a fluidez dos relatos sobre as experiências primárias e a coerência e plausibilidade das narrativas (Ammaniti, Van-Ijzendoorn, Speranza e Tambelli, 2000; Tanaka et al., 2008). A seguir serão expostos aspectos relacionados aos padrões de apego de adolescentes, segundo diversos pesquisadores (Harvey, 2000; Kobak e Sceery, 1988; Ryan e Linch, 1989; Sroufe, Carlson, Levy e Eglund, 1999; Tanaka, 2008):

- *Padrão Seguro/Autônomo*: os adolescentes apresentam um relato espontâneo e equilibrado, com baixos sinais de depressão e ansiedade, expressões de confiança em buscar apoio emocional e interagir socialmente, auto-eficácia e ego-resiliência, com autoconceito e autopercepção positivos, percepção positiva dos outros.
- *Padrão Evitativo/Desapegado*: apresentam idealizações da infância, falhas de memória sobre as experiências infantis, negação ou minimização de experiências negativas, autocrítica acentuada, distância emocional, hostilidade e solidão, desqualificação de relacionamentos,

presença de desconfiança, desconforto e ansiedade em interações íntimas, auto-percepção positiva e percepção, geralmente, negativa dos outros.

- *Padrão Preocupado/Ansioso*: envolve relatos de experiências vagas e/ou conflitantes da infância; autopercepção negativa e sentimentos de não serem queridos ao passo que a percepção dos outros é, geralmente, positiva; relacionamentos insatisfatórios com confusão e hesitação acerca de suas interações; e sinais de depressão, passividade e introversão.
- *Padrão Desorganizado/Desorientado*: apresenta sinais de desorientação e desorganização, predomínio de relatos de vivências negativas, sinais de incongruência afetiva, sendo que os cuidadores da infância são descritos como ameaçadores e/ou amedrontadores.

O apego também tem sido investigado em situações de adolescentes que foram expostos a situações de risco, durante a infância. A situação de adolescentes em instituições é complexa, pois frente à necessidade de lidar com o estresse eles podem vir a utilizar métodos mal-adaptativos como o uso de drogas e abuso de álcool, atuações ou fugas (Zegers, 2007). Todavia, estudos têm apontado a ocorrência de processos de resiliência, que podem ser observados na medida em que eles usufruem efetivamente da rede de apoio que os cerca, junto a fatores de proteção que lhes fornecem segurança para a consolidação de laços afetivos positivos, tanto com os membros da equipe como com outras crianças e adolescentes abrigados (Tomazoni e Vieira, 2004; Yunes, Miranda e Cuello, 2004). Um dos maiores fatores protetivos e desencadeantes de resiliência, sob essas condições, é o fato de existirem oportunidades para a formação de novos apegos que possam servir de recursos de apoio e de novas identificações para a reintegração das disrupções nas interações precoces (Hardy, 2007; Howard e Johnson, 2004; Zegers, 2007). Estratégias de enfrentamento, frente às situações de estresse, assim como a busca por uma pessoa que assegure conforto e proteção, apontam para processos de resiliência (Simpson, Rholes, Oriña e Grich, 2002; Wekerle et al., 2007).

Na perspectiva da TA a resiliência é vista como uma construção desenvolvimental, pois indivíduos que são resilientes, em momentos de estresse, demonstram maior tendência a buscarem apoio em figuras com as quais podem contar, sendo que as experiências para a construção de apegos seguros, nestes momentos, parte do processo de resiliência (Sroufe, 1997). No caso de experiências de apegos inseguros a vulnerabilidade recai sobre o fato de que os indivíduos podem ter limitado o uso do apoio social, reduzindo as chances de

utilização de um importante recurso frente ao estresse, em decorrência das vivências negativas de apegos inseguros (Wekerle et al., 2007).

Hardy (2007) salienta que crianças que sofreram maltrato ou negligência, em suas relações primárias, tendem a apresentar com maior frequência distúrbios em suas interações de apego, mas que ocorrendo o desenvolvimento de um relacionamento mais saudável e suportivo com um adulto (não necessariamente um cuidador) os efeitos negativos do apego inseguro serão minimizados. Neste sentido, no contexto das instituições, a rede de apoio oferecida é fundamental, pois pode servir como fator protetivo e desencadeante de processos de resiliência, dado que as novas relações experimentadas e os tratamentos oferecidos servem como treinamento para um novo estilo de abordagem social (Zegers, 2007).

Assim, considerando que as primeiras relações estabelecidas na infância afetam o padrão de apego do indivíduo, ao longo de sua vida (Bowlby, 1989), e que processos de rompimento de vínculos de apego tanto na infância, adolescência e vida adulta, acarretam transformações nas imagens do *self* (Baker, 2001), o objetivo principal deste estudo foi investigar e compreender as características da representação do apego em adolescentes institucionalizadas, que tiveram rupturas com a figura materna durante os primeiros anos de vida. Buscou-se fazer uma análise profunda das representações mentais das experiências de apego dos casos em estudo para se compreender o impacto das relações primárias de apego em adolescentes institucionalizadas. Para isto, observou-se a influência das experiências precoces nas representações atuais de apego, as percepções sobre os relacionamentos presentes e os processos de resiliência na construção de novas relações afetivas estabelecidas após a institucionalização, discutindo-se o papel do contexto institucional no desenvolvimento de suas capacidades sociais e emocionais.

MÉTODOS

Delineamento

Trata-se de um estudo exploratório, a partir de estudos de casos múltiplos (Yin, 1994), com análise qualitativa dos dados. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma diversidade de fontes de dados, como entrevistas, observações e informações coletadas junto a prontuários e técnicos das instituições, possibilitando um entrecruzamento de dados. Além disso, foi utilizada a metodologia de inserção ecológica, que se constitui em um referencial teórico-metodológico apropriado para a realização de pesquisas sobre o desenvolvimento-no-contexto (Cecconello e Koller, 2003).

Participantes

Participaram deste estudo três meninas adolescentes com idades entre 12 e 14 anos, período da adolescência inicial (Steinberg, 1989), que residiam em instituições de abrigo governamental da cidade de Porto Alegre, e que tiveram ruptura com a figura materna biológica nos primeiros cinco anos de vida. Outros critérios de seleção foram não apresentar atraso cognitivo ou transtorno mental. Os abrigos, onde foram coletados os dados, fazem parte da Fundação de Proteção Especial do Estado do Rio Grande do Sul – FPERGS, que atende crianças e adolescentes de ambos os sexos, em unidades residenciais com até 15 integrantes, que procuram oferecer um ambiente de acolhimento e incentivo a convivência familiar, através da manutenção de grupos de irmãos num mesmo abrigo.

Instrumentos

Para avaliar as características da organização do apego das adolescentes, foi utilizada uma entrevista semidiretiva – Entrevista do Apego para Adolescentes – elaborada a partir de questões adaptadas de instrumentos contemporâneos de medida e avaliação dos aspectos ligados ao apego (Ammaniti et al., 2000; Main, Kaplan e Cassidy, 1985; West, Rose, Spreng, Sheldon-Keller e Adam, 1998). As questões investigaram, basicamente, as relações com os cuidadores na infância e como essas interações eram percebidas no presente.

Procedimentos

O Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS e seguiu os procedimentos éticos para estudos com seres humanos. Os dados foram coletados no ambiente natural das participantes. Dessa forma, a inserção nos abrigos se deu através de várias visitas, observações e contatos informais com a equipe técnica, crianças e adolescentes abrigados. Após esse procedimento, foram realizadas duas entrevistas com cada participante, em salas adequadas, nas próprias instituições em que residiam. Também foram obtidas informações dos prontuários das adolescentes e foram realizadas entrevistas informais com a equipe técnica de profissionais dos abrigos participantes.

RESULTADOS

As entrevistas foram analisadas através da análise de conteúdo (Bardin, 1977) dos relatos das adolescentes, procurando-se classificar as respostas em categorias descritivas, relativas aos pressupostos teóricos sobre as características dos padrões de apego na adolescência. As categorias de agrupamento das unidades de significado foram: relação com cuidador principal; re-

lacionamento com familiares na infância; separações e perdas; memórias de situação de estresse e reação ativada; cuidados recebidos na infância; sentimentos de rejeição vividos na infância; repercussões das vivências da infância; relações com pares e com irmãos; atitudes pessoais e autopercepção; relações atuais com figura(s) de apego; e expectativas para parentalidade. A discussão dos dados considerou o grau de elaboração do discurso da adolescente em relação às suas experiências com as figuras de apego, a demonstração de diferenciação pessoal na construção de sua identidade pessoal e a capacidade de formar relações íntimas, além de aspectos relativos à coerência do discurso.

CASO 1 – ANA

Ana é uma adolescente de 12 anos, abrigada aos cinco anos por motivo de negligência e exposição a fatores de risco, com experiências de vida marcadas por uma qualidade de cuidados primários precária. A mãe é doente mental, o pai é desconhecido e um dos irmãos é deficiente mental. Após o seu abrigamento não houve assistência pelos membros da família. No primeiro contato com sua mãe, após ter sido abrigada, soube que tinha dois irmãos no mesmo abrigo. Teve uma reação de negação, desconfiando de que aqueles não eram realmente seus familiares.

Observou-se que os relacionamentos atuais desta adolescente são marcados pela ambivalência e pela agressividade, mesmo considerando-se os aspectos de instabilidade da adolescência. De maneira geral, pode-se perceber sinais de que a organização de apego atual de Ana tem uma orientação característica do padrão evitativo/desapegado. Sua forma de interagir com outras pessoas é defensiva, com tendência à negação, evidências de processos dissociativos na integração de suas experiências de apego, e utiliza uma estratégia de ocultar suas necessidades de proteção e atenção. A adoção destas estratégias defensivas, pela dissociação e negação, pode ser entendida também como uma maneira de amenizar suas vivências de separação prolongadas ou repetidas e de maltrato pelas figuras de apego primárias (Cortina e Marrone, 2003).

Constatou-se que esta adolescente está tentando apropriar-se beneficentemente de suas interações no novo contexto dos abrigos, mas apresenta resistências características dos efeitos traumáticos nas relações de apego primárias, em suas interações atuais (Wekerle et al., 2007). A forma como ela se referiu às suas relações de amizade, caracterizadas pela desconfiança e ambivalência, reforça um tipo de internalização característico do padrão de apego evitativo/desapegado (Furman, Simon, Shaffer e Bouchey, 2002). No entanto, pode-se perceber que Ana encontrou na institui-

ção de abrigo um espaço para reconstruir suas relações de apego, pois ela aponta diversas pessoas com as quais mantém vínculos afetivos atualmente. Assim, entende-se que o abrigo pode ser considerado um espaço que foi benéfico para o seu desenvolvimento, por favorecer o estabelecimento de novos relacionamentos e possibilitar uma estrutura organizada, capaz de inseri-la de uma forma mais positiva na sociedade, no grupo de pares e na escola.

CASO 2 – BRUNA

Trata-se de uma adolescente de 14 anos, abrigada aos três anos de idade, junto com seus irmãos, por motivo de negligência e exposição a fatores de risco e prática de mendicância. As informações apontam que a mãe é usuária de drogas, envolvida com prostituição e apresenta problemas mentais. O pai é alcoolista e apresenta comportamento violento. Bruna tem 10 irmãos, sendo que vários já foram adotados ou abrigados e ela é a única que ainda permanece abrigada. Durante as entrevistas, a adolescente demonstrou sinais de que as vivências de separações abalaram sua autoconfiança e desencadearam sintomas depressivos, tais como inibição de sua expressão, ressentimentos, apatia, receios de abandono e rejeição, falta de motivação nas interações e falta de relatos positivos sobre suas experiências e interações. Nas entrevistas transmitia desânimo e falta de disposição para se expressar, embora essas características não tenham impedido que ela fosse cooperativa em dar suas declarações.

Foi constatado que a equipe de profissionais da instituição apresenta uma preocupação real com o bem-estar de Bruna e está disponibilizando recursos, como o tratamento psicoterápico e o acompanhamento da psicóloga responsável, tendo em vista que a recente adoção de dois de seus irmãos provocou uma reativação dos sentimentos de abandono e rejeição. A disponibilidade e o envolvimento dos adultos responsáveis pelo cuidado e proteção dos abrigados são importantes para a identificação das necessidades da criança/adolescente em desenvolvimento, caracterizando sua principal rede de apoio e de recursos (Hardy, 2007; Ryan e Adams, 1999; Wekerle et al., 2007; Zegers, 2007).

Bruna indicou múltiplos cuidadores – as(os) monitoras(res) – com os quais esteve vinculada no abrigo. Além disso, apresentou uma percepção positiva de suas amizades, sendo que busca nos amigos citados apoio e cumplicidade em momentos em que isso se faz necessário. Em relação ao estilo de apego de Bruna, a expressão de sentimentos de abandono ou de rejeição, que podem ser considerados como resultantes de experiências de negligência na infância (Perry, 2004), pode ser observada num comportamento ambivalente

em relação às inter-relações pessoais, característico do padrão preocupado/ansioso.

CASO 3 – LINA

É uma adolescente de 14 anos de idade, que vivenciou e estava exposta a diversas situações de risco antes de ser abrigada aos seis anos, tendo sofrido mais de uma situação de violência física e de abuso psicológico. A mãe e o padrasto estavam envolvidos em tráfico de drogas e o pai biológico é HIV positivo e apresenta transtornos mentais. Tem quatro irmãos e todos já foram abrigados. De acordo com os achados de Doyle e Moretti (2000), o padrão do apego que vítimas de maus-tratos desenvolvem, em relação a seus pais, pode contribuir para o surgimento de sintomas de depressão, ansiedade, condutas anti-sociais e de agressividade. Esses aspectos puderam ser observados no caso de Lina, pois ela cometeu um número significativo de fugas do abrigo, apresenta características mais depressivas e atitudes agressivas quando é contrariada, além do fato de ter se apropriado de objetos que não eram seus, em alguns momentos. Seu relato sobre os cuidadores citados como principais foi marcado por contradições e por descrições de situações extremamente estressantes.

Lyons-Ruth, Yellin, Melnick e Atwood (2003) apontam que a representação de apego que denota um estado hostil às figuras de apego, equivalente ao padrão evitativo/desapegado, é marcada por relatos de experiências negativas com a figura de apego principal. Nesses relatos, o entrevistador percebe que não é possível concluir que existe uma figura a qual o entrevistado sentiu-se positivamente apegado em seu desenvolvimento (Zegers, 2007). Neste caso, Lina descreveu sua figura de apego principal em termos mais negativos do que positivos. Além disso, demonstrou ambivalência em relação à figura de apego principal ao identificar um primo como a pessoa a quem se sentia mais apegada na infância e que a cuidava, sendo que ele morreu quando ela tinha apenas dois anos. Assim, ela não parece ter uma formulação coerente sobre quem a cuidou, pois ora mencionava o padrasto como figura de apego principal, ora dizia se sentir mais próxima do primo, com o qual, na verdade, teve pouco contato.

Ao mesmo tempo, observou-se que ela demonstrou sinais integrativos e elaborados sobre as suas relações atuais, tanto de amizades como com adultos (monitores). Apesar de suas vivências com as figuras de apego primário parecerem não ter propiciado a formação de uma representação mental de apego seguro, ela encontra em suas relações de amizade uma base de apoio que pode ser relacionada a características do padrão de apego seguro/autônomo na adolescência (Furman,

2001). Esta observação pode indicar processos de reformulação de seus modelos internos de apego, de forma a lhe propiciar maior segurança em seus relacionamentos e a melhorar a sua autopercepção. Ela demonstra buscar relações em que se sente identificada e valorizada, encontrando nas relações de amizade oportunidades para usar suas qualidades e ser necessária às outras pessoas de forma equilibrada.

Apesar de Lina ter sido exposta a fatores de risco importantes em momentos delicados do seu crescimento, ela demonstra possuir características pessoais que denotam capacidade de resiliência. Mesmo que esta adolescente cite a ocorrência de atritos com pessoas do abrigo e de fugas, ela parece ter construído boas relações na instituição. Também, o fato de seus irmãos estarem no mesmo abrigo é positivo para o seu desenvolvimento e, pelo que se constatou, ela está bem integrada a eles, assumindo um papel de proteção dos mesmos. Estes dados indicam capacidade para modificar ou ressignificar os padrões de apego mais invasivos e destrutivos, que teve como exemplo, podendo-se atribuir às relações vividas no abrigo o fornecimento de modelos mais integrados.

De maneira geral, a maior parte dos dados aponta que a organização de apego atual desta adolescente apresenta mais características do padrão de apego evitativo/desapegado. Contudo, aspectos observados, como transformações nas relações e auto-imagem positiva, indicam que ela se encontra em um processo de transformação e elaboração das experiências relacionais que viveu e está experienciando. Esta consideração relembra que a organização do apego não é uma representação estática e sem flexibilidade, mas sim um complexo dinâmico, influenciado e incrementado pelas relações que se dão ao longo do desenvolvimento e pelo contexto em que estas relações acontecem (Richters e Waters, 1991).

DISCUSSÃO

Pode-se observar, através dos dados das participantes deste estudo, que, mesmo que as primeiras experiências de apego tenham sido caracterizadas por falta de responsividade e proteção, vivências de situações abusivas, de exposição a riscos e negligência, essas situações não impediram a formação de novos apegos significativos. A análise das histórias anteriores ao abrigamento das participantes e dos registros de seus prontuários forneceu informações que sugerem a existência de um contexto de desenvolvimento permeado por fatores de risco, que podem ter desfavorecido a representação de um apego primário com uma base segura. Após o abrigamento nenhuma delas manteve um vínculo estável com os familiares devido

à falta de compromisso ou às condições dos mesmos para isso.

No entanto, dada a transição ecológica das adolescentes de suas casas de origem para os abrigos, pode-se constatar que a instituição foi e continua a ser um espaço para a construção de novos relacionamentos afetivos significativos, com dimensões diferentes daqueles experienciados anteriormente. Apesar de todas as participantes apresentarem, atualmente, uma predominância de características dos padrões de apego do grupo inseguro, as novas relações estabelecidas não apresentam tantas ameaças à integridade física e psíquica das adolescentes quanto aquelas vividas nas suas primeiras relações.

Através dos estudos de caso apresentados, pode-se observar as características atribuídas aos padrões de apego predominantes em cada adolescente, ou seja, preocupado/ansioso (Caso 2) e evitativo/desapegado (Caso 1 e 3). Embora esses padrões tenham se apresentado de forma predominante em cada um dos casos, ressalta-se que não determinam uma classificação rígida das adolescentes, tendo-se em vista que outras características, ligadas a outros padrões de apego, foram também observadas em uma mesma adolescente. Acrescenta-se a isso o fato de serem adolescentes institucionalizadas e estarem em um período de transição para a idade adulta, caracterizado por transformações na auto-imagem e nas interações pessoais, havendo, portanto, possibilidade de modificações nos padrões de apego predominantes.

Howes (1999) destacou que crianças abusadas ou negligenciadas na infância são mais propensas a desenvolverem relacionamentos de apego inseguro a seus pais ou cuidadores primários. Em contrapartida, Howes e Segal (1993) observaram que crianças que são retiradas de seus lares, por motivos de abuso ou negligência e colocadas em abrigos públicos que oferecem qualidade no cuidado, apresentam o desenvolvimento de relações seguras de apego a cuidadores substitutos já nos primeiros meses de abrigamento, o que é confirmado no estudo desenvolvido por Zegers (2007).

Embora o ambiente institucional não seja compreendido como ideal para o desenvolvimento, observou-se, através da análise dos dados desta pesquisa, que a institucionalização destas adolescentes pode ser considerada uma medida que contribuiu para o seu bem-estar. O fato das instituições de abrigo oferecerem um ambiente mais organizado, com possibilidades de constituir novas relações afetivas, parece funcionar como um fator de proteção, que possibilita um incremento no desenvolvimento global do abrigado.

O estabelecimento de novas relações afetivas entre pares, referidas como fonte de apoio e de identi-

cação, demonstram, também, que as habilidades sociais da fase da adolescência vêm sendo ampliadas. Tomazoni e Vieira (2004) observaram que as relações entre pares, em instituições de abrigo, estabelecem-se de forma semelhante às relações de apego primárias, em que há uma busca por conforto e segurança na interação, entre as crianças mais novas e as mais velhas, e de cumplicidade e reciprocidade entre os que são maiores e de idades próximas, sendo que estes passam a se constituir como uma figura de apego. Dessa forma, as relações com pares evidenciadas nos casos analisados, além da preservação dos grupos de irmãos na instituição, parecem ter colaborado nos processos de adaptação das adolescentes, incrementando sua resiliência.

Também foi observado que todas as participantes indicaram os monitores como cuidadores importantes na sua infância. Neste sentido, torna-se necessária a qualificação da equipe técnica dos profissionais dos abrigos, como é sugerido nas pesquisas desenvolvidas por Hardy (2007) e Zegers (2007), pois eles representam o microsistema dos abrigados. Assim, as intervenções realizadas pela equipe devem focar no aprimoramento das relações atuais e no favorecimento de formação de novas relações de apego (Hardy, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação de características da representação do apego em adolescentes, através da metodologia utilizada neste estudo, sugere a viabilidade do uso de entrevistas para avaliação da representação mental do apego na adolescência. Foi possível também relacionar as características apresentadas pelas adolescentes com os vínculos afetivos estabelecidos ao longo de seu desenvolvimento, tanto nas suas famílias como na instituição. Dessa forma, a avaliação de características da representação mental do apego pode contribuir para o entendimento dos processos de resiliência na reintegração de experiências disruptivas anteriores, relacionadas às interações com as figuras de apego primárias, assim como nas novas interações. Esta compreensão possibilita um planejamento mais adequado de intervenções junto a adolescentes, no sentido de incrementar ações que os tornem mais resilientes frente aos desafios presentes em suas vidas, assim como o desenvolvimento de programas de prevenção e orientação aos profissionais que lidam com essa população. Destaca-se, de forma mais específica, a importância deste tipo de contribuição para adolescentes em situação de risco, especialmente para aqueles que vivem em instituições de abrigo, tendo-se em vista as peculiaridades que estes experienciam em seu desenvolvimento (Wekerle et al., 2007; Zegers, 2007).

Observou-se que, apesar das adolescentes investigadas apresentarem resquícios das adversidades que vivenciaram precocemente, os fatores protetivos disponibilizados pelos abrigos podem ser considerados como reforçadores de características individuais para a ativação de processos de superação e enfrentamento de situações estressantes, beneficiando o estabelecimento e manutenção da auto-estima, da auto-eficácia e de relações de apego. Dessa forma, o estabelecimento de relações microsociais positivas e as possibilidades de atividades construtivas no ambiente da instituição atuaram na promoção de saúde e resiliência.

Cabe reforçar o valor indiscutível do papel dos adultos cuidadores para o favorecimento dos processos de resiliência e a formação de novos relacionamentos no contexto de abrigos de proteção. Neste sentido, é imprescindível que os profissionais das instituições busquem promover interações que visem ao bem incondicional do adolescente institucionalizado, apresentando capacidade para estabelecer relações de apego mútuo com comprometimento e disponibilidade afetiva, constituindo relações de confiança e comunicação aberta. A atenção desloca-se para o cuidar, isto é, para a necessidade de que crianças e adolescentes sejam cuidados e acreditados como sujeitos em desenvolvimento, com ações personalizadas e com relacionamentos baseados em vínculo de confiança, respeito e apoio, oferecendo um espaço de acolhida e de escuta (Junqueira e Deslandes, 2003).

Destaca-se, ainda, que são poucos os estudos que enfocam mais especificamente a reformulação dos padrões de apego, principalmente, na adolescência, que é uma fase propícia a modificações nas representações primárias de apego, tendo em vista as novas aquisições cognitivas e psicossociais desse período. Sendo assim, é necessário o desenvolvimento de pesquisas que busquem um aprimoramento metodológico para este tipo de investigação. Novos estudos, com amostras diversificadas e que adotem delineamentos longitudinais, se fazem necessários para que os processos de apego na adolescência possam ser compreendidos de forma mais dinâmica e efetiva.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. (1989). Attachment beyond the infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ammaniti, M., Van-Ijzendoorn, M., Speranza, A., & Tambelli, R. (2000). Internal working models of attachment during late childhood and early adolescence: An exploration of stability and change. *Attachment and Human Development*, 2, 328-346.
- Baker, J. (2001). Mourning and the transformation of object relationships: Evidence for the persistence of internal attachment. *Psychoanalytic Psychology*, 18, 55-73.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cecconello, A., & Koller, S. (2003). Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16, 368-389.
- Collins, W., & Sroufe, L. A. (1999). Capacity for intimate relationships: A developmental construction. In B. Furman, B. Brown, B. Bradford, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 125-147). New York: Cambridge University Press.
- Cortina, M., & Marrone, M. (2003). *Attachment theory and the psychoanalytic process*. London: Whurr Publishers.
- Doyle, A., & Moretti, M. (2000). *Attachment to parents and adjustment in adolescence: Literature review and policy implications*. Childhood and Youth Division Health Canada, Ottawa: Concordia University.
- Fonagy, P., & Target, M. (1997). Attachment and reflective function: Their role in self-organization. *Development and Psychopathology*, 9, 679-700.
- Furman, W. (2001). Working models of friendships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18, 583-602.
- Furman, W., Simon, V., Shaffer, L., & Bouchey, H. (2002). Adolescent's working models and styles for relationships with parents, friends and romantic partners. *Child Development*, 73, 241-255.
- Hardy, L. (2007). Attachment theory and reactive attachment disorder: Theoretical perspectives and treatment implications. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 20, 1, 27-39.
- Harvey, M. (2000). Relationships between adolescent's attachment styles and family functioning. [Online]. *Adolescence*. Retirado em 10 out. 2003 do World Wide Web: <http://www.findarticles.com>.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1990). Love and work: An attachment-theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 270-280.
- Howard, S., & Johnson, B. (2004). *Young adolescents displaying resilience and non-resilience behaviour: Insights from a qualitative study*. [Online]. Retirado em 04 jun. 2003 do World Wide Web: <http://www.aare.edu.au>
- Howes, C. (1999). Attachment relationships in the context of multiple caregivers. In J. Cassidy, & P. Shaver (Orgs.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 671-687). New York: The Guilford Press.
- Howes, C., & Segal, J. (1993). Children's relationships with alternative caregivers: The especial case of maltreated children removed from their homes. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 17, 71-81.
- Junqueira, M. F. P., & Deslandes, S. F. (2003). Resiliência e maus tratos à criança. *Cadernos de Saúde Pública*, 19, 227-335.
- Kobak, R. (1993). Attachment and emotion regulation during mother-teen problem solving: A control theory analysis. *Child Development*, 64, 231-245.
- Kobak, R., & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: Working models, affect regulation and representations of self and others. *Child Development*, 59, 135-146.
- Lyons-Ruth, K., Yellin, C., Melnick, S., & Atwood, G. (2003). Childhood experiences of trauma and loss have different relations to maternal unresolved and hostile-helpless states of mind on the A.A.I. *Attachment and Human Development*, 5, 330-352.
- Main, M. (1996). Introduction to the especial section on attachment and psychopathology: Overview of the field of attachment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 237-243.

- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security of infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton, & E. Waters (Orgs.), *Growing points of attachment theory and research* (pp. 66-106). Chicago: University of Chicago Press.
- Perry, B. (2004). *Bonding and attachment in maltreated children. Consequences of emotional neglect in childhood*. [Online]. Retirado em 10 jun. 2004 do World Wide Web: <http://www.teacher.scholastic.com>
- Pietromonaco, P., Barrett, L., & Feldman, L. (1997). Working models of attachment and daily social interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 1409-1423.
- Richters, J., & Watters, E. (1991). Attachment and socialization: The positive side of social influence. In M. Lewis, & S. Feinman (Org.), *Social influences and socialization in infancy* (pp. 185-214). New York: Plenum Press.
- Ryan, B. A., & Adams, G. R. (1999). How do families affect children's success in school? *Education Quarterly Review*, 6, 30-43.
- Ryan, R., & Lynch, J. (1989). Emotional autonomy versus detachment: Revisiting the vicissitudes of adolescence and young adulthood. *Child Development*, 60, 430-456.
- Simpson, J., Rholes, W., Oriña, M., & Grich, J. (2002). Working models of attachment, support giving and support seeking in a stressful situation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 28, 598-608.
- Sroufe, L. (1997). Psychopathology as an outcome of development. *Development and Psychopathology*, 9, 215-268.
- Sroufe, L., Carlson, E., Levy, A., & Egland, B. (1999). Implications of attachment for developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 11, 1-13.
- Steinberg, L. (1989). *Adolescence*. New York: Alfred Knopf.
- Tanaka, N., Hasui, C., Uji, M., Hiramura, H., Chen, Z., Shikai, N., & Kitamura, T. (2008). Correlates of the categories of adolescents attachment styles: Perceived rearing, family function, early life events, and personality. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 62, 65-74.
- Tomazoni, D., & Vieira, M. (2004). Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em Estudo*, 9, 207-217.
- Waters, E., Kondo-Ikemura, K., Posada, G., & Richters, J. (1991). Learning to love: Milestones and mechanisms. In M. Gunner, & A. Sroufe (Orgs.), *The Minnesota Symposia on Child Psychology*, 23, *Self process and development* (pp. 217-255). Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum.
- Wekerle, C., Waechter, R., Leung, E., & Leonard, M. (2007). Adolescence: A window of opportunity for positive change in mental health. *First Peoples Child & Family Review*, 3, 2, 8-16.
- West, M., Rose, S., Spreng, S., Sheldon-Keller, A., & Adam, K. (1998). Adolescent attachment questionnaire: A brief assessment of attachment in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 27, 661-673.
- Yin, R. (1994). *Case study research: Design and methods*. London: Sage.
- Yunes, M., Miranda, A., & Cuello, S. (2004). Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. In S. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp.197-218). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zegers, M. (2007). *Attachment among institutionalized adolescents: Mental representations, therapeutic relationships and problem behavior*. Tese de doutoramento. Amsterdam, Vrije Unirsiteit, NI (Holanda). [Online]. Retirado em 04/03/2008 do World Wide Web: <http://dare.uvu.vu.nl/bitstream/1871/11066/5/8111.pdf>
- Zimberoff, M., & Hartman, D. (2002). Attachment, deattachment, nonattachment: Achieving synthesis. *Journal of Heart-Centered Therapies*, 5, 3-94.

Recebido em: abr./2007. Aceito em: jan./2008.

Autoras:

Juliana Xavier Dalbem – Psicóloga pela PUCRS, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela UNISINOS e Mestre em Psicologia pela UFRGS. juxdal@terra.com.br

Débora Dalbosco Dell'Aglio – Doutora em Psicologia do Desenvolvimento. Professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Endereço para correspondência:

DÉBORA DALBOSCO DELL'AGLIO
Instituto de Psicologia – UFRGS
Rua Ramiro Barcelos, 2600
CEP 90035-003, Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: dalbosco@cpovo.net